

VAMOS COMPRAR UM POETA
AFONSO CRUZ

CAMINHO

Trinta gramas de espinafres	9
Exponencialmente parvo.....	11
De que tamanho?	14
A escolha de um poeta	16
Parar nas borboletas.....	19
Fazer a cama	21
O que é que ele vai fazer?	23
Jantar	25
Terríveis notícias	29
Na escola	31
A Via Láctea, por Mamon	33
Já não é uma algaraviada.....	36
Um poema espalhado no chão ou na perna de uma mesa	38
“Quarto”	42
Parece o mar	44
Prefere carne?	47
Só para verem o meu poeta.....	49
Oh, estaria doente?	51
Como era bonita aquela frase.....	53
Estarei a ficar poética?.....	56
Pedras contra poemas	59
Encomendar comida	61
Lucrativo ou não?	64
Inutilista, sem dúvida nenhuma.....	66
A poesia faz-nos muito mal	69
Desodorizante nos sovacos.....	72
Pusemos o poeta no carro	74
Não conseguia comer	75
Dois	78
O que nasce do vazio.....	80
Mudar de vida.....	83
Nunca se abandona a poesia nem num parque, nem na vida ...	86
Posfácio	89

TRINTA GRAMAS DE ESPINAFRES



Hoje comi trinta gramas de espinafres, o quilo custa dois euros e trinta, é fazer as contas, precisamos de trinta cêntimos por dia para ter alguma vitamina k, diz um estudo. O pai exerceu vinte gramas de força na porta da cozinha e disse muito alto, antes de nos deixar na cara um ou dois miligramas de saliva, ou beijos, se quiserem ser poéticos: crescimento e prosperidade.

Eu respondi na mesma moeda.

Dizem que é bom transacionarmos afetos, liga as pessoas e gera uma espécie de lucro que, não sendo um lucro de qualidade, já que não é material e não é redutível a números ou dedutível nos impostos ou gerador de renda, há quem

acredite — é uma questão de fé —, que pode trazer dividendos.

O pai diz que são fantasmas, são coisas que não existem, matéria imaterial, mas há estudos que confirmam a hipótese de haver benefício em depositar uns mililitros de saliva na maçã do rosto de outra pessoa, por mais estranho e grotesco que isso nos possa parecer.

Maçã do rosto é uma expressão esquisita e incompreensível, já que está mais do que provado que não existem maçãs no rosto, é mais do que evidente que nascem nos hipermercados ou pelo menos é lá que são recolhidas para a manutenção da saúde e da mais básica nutrição.

EXPONENCIALMENTE PARVO



O meu irmão é exponencialmente parvo. Calça quarenta e quatro e tem borbulhas, trinta a quarenta em cada bochecha (muito mais lógico do que maçã do rosto), sem contar com a testa e o queixo e o nariz. Usa óculos. As sobrancelhas quase não existem devido ao défice de pelos, e quando fala diz coisas como “apreça-te” ou “não me arrombes a carteira” (que quer dizer que o estou a aborrecer) ou “aumenta-me a taxa de juro” (que diz tanto para quando não está a perceber o que lhe digo — acontece vezes sem conta — como para quando quer ser mais atrevido com uma rapariga). Apaixona-se com facilidade e entra, por causa disso, numa quase constante bancarrota

emocional. Mais de noventa por cento dos colegas e setenta e quatro por cento da família concordam no resultado: é um pateta.

Ao chegar a casa, cumprimentei-o com a normal forma de cortesia: crescimento e prosperidade. Ele respondeu exercendo um gesto obsceno com o dedo médio da mão direita e investindo a língua para fora enquanto abria a boca. Vestia uma t-shirt patrocinada por uma gasolinera. Sentou-se na cozinha a comer biscoitos de gengibre, sete, enquanto demonstrava, usando palavras e gestos, o calor sentimental que o perturbava.

Estou apaixonado, disse.

Quanto?, perguntei.

Setenta por cento.

Uau!

Desta vez é a sério.

Setenta por cento?

Talvez mais, setenta e dois ou mesmo setenta e três. Ainda não fiz um estudo.

Com a X89234 também te afeiçoaste nessa percentagem.

Sim, mas estava a passar um período de grande fragilidade interior.

Estavas com fome?

Não me arrombes a carteira.

Encolhi os ombros:

Tens a certeza de que desta vez é que é?

Como dois e dois serem quatro.

Setenta e três por cento, dizes tu?

Sim. Nunca menos de setenta.

Parece-me sólido. E ela?

Hoje, quando me disse para ir esfregar moedas, pareceu-me que estava realmente disposta a associar-se a mim, mas quando me aproximei e ela começou a gritar, percebi que talvez não esteja apaixonada por mim mais do que trinta, trinta e seis por cento.

Mas poderá crescer?

Com toda a certeza.

DE QUE TAMANHO?



Achei muito estranho que acessem à minha petição — à petição que irei relatar de seguida —, sem qualquer inquérito por escrito. Não tenho números suficientes para descrever como me senti feliz com a decisão. Nesse dia, à noite, ao jantar, levantei-me e declarei:

Gostava de ter um poeta. Podemos comprar um?

A mãe não disse nada, limitou-se a levantar a louça, quatro pratos de sopa, quatro colheres de sopa e informar os comensais, eu e o pai e o meu irmão, de que a carne seria servida de seguida, dentro de trinta segundos. O pai acabou de mastigar um bocado de pão, cerca de

treze gramas, moveu os maxilares cinco vezes e inquiriu:

Porque não um artista?

A mãe disse:

Nem pensar, fazem muita porcaria, a senhora 5638,2 tem um e despende três a quatro horas por dia a limpar a sujidade que ele faz com as tintas naqueles objetos brancos.

Telas.

Isso.

Muito bem, disse o pai, compramos um poeta. De que tamanho?

A ESCOLHA DE UM POETA



No dia da escolha, fomos a uma loja, eu e o pai. O pai não é alto, e eu tampouco, aliás, é por isso que na escola me chamam ordenado mínimo, que é algo que já existiu em tempos, mas que felizmente foi extinto, porque, dizem, era um entrave à competitividade mais elementar.

Na loja havia poetas de muitos tipos, baixos, altos, louros, com óculos (são mais caros), sendo a maior parte, sessenta e dois por cento, carecas, e sessenta e oito por cento de barba.

Gostei de um que era ligeiramente marreco, uma escoliose com uma curvatura oblonga.

Trajava um colete de fazenda, setenta e cinco por cento lã, sendo os restantes vinte e cinco

nylon, calças de bombazina castanhas, pantone setecentos e trinta e dois, sapatos de couro já muito usados. Fungava e tinha um livro debaixo do braço. Nenhuma das suas roupas tinha patrocínio de marcas.

O pai cumprimentou o vendedor com a cortesia destas ocasiões, há sempre uma grande solenidade, sacralidade, no ato de iniciar um possível negócio:

Que os números lhe sejam favoráveis, disse ele.

Prosperidade e crescimento, respondeu o vendedor.

O pai apontou para o poeta que fungava e não tinha patrocínio nas roupas e perguntou se aquele exemplar era subversivo, que é a característica mais temida nos poetas, é o equivalente à agressividade dos cães.

O senhor da loja respondeu:

Está abaixo dos dois por cento. É sempre necessário serem um pouco subversivos ou a qualidade poética baixa demasiado e não gera lucro, ninguém compra, acabam preteridos a bailarinos ou hamsters.

O que é que ele come?

Qualquer coisa. Não são muito esquisitos, muitas vezes, três a quatro ocorrências por

semana, chegam inclusivamente a esquecer-se de comer. Alguns abandonam a refeição a meio e levantam-se para deambular sem qualquer destino. Acontece muito ao pôr-do-sol ou ao luar ou com nevoeiro, é um comportamento típico. Não estranhem se os virem parados muito tempo como se estivessem a fazer contas. Não estão, são incapazes da soma mais elementar. Essas paragens são precisamente os momentos em que começam a fazer poemas nas suas cabeças. É um processo fascinante. Não se irão arrepender de comprar um poeta. E são muito mais asseados do que os artistas.

Já tinha ouvido dizer.

Mais alguma coisa que devamos saber sobre a manutenção de um destes exemplares?, inquiri eu.

Para o entreter, compre-lhe cadernos com folhas brancas e canetas. Pode também adquirir alguns livros. Temos de várias marcas.

PARAR NAS BORBOLETAS



O pai tem poucos cabelos, quase que dá para contar, ou, pelo menos, ter uma estimativa. Há uma área, no topo, que permite uma contabilidade mais imediata, já que nessa região os cabelos inexistem. O pai pega numas dezenas deles que pendem junto à orelha esquerda e obriga-os a descreverem uma migração até à zona correspondente no lado direito. Quando o pai se irrita, calcula-se cerca de uma a quatro vezes por dia, os cabelos saem do lugar e ficam pendurados no lado esquerdo da cabeça, seu lugar de origem, chegando a tocar-lhe no ombro. O pai tenta corrigir esse movimento involuntário dos cabelos, mas nunca resulta tão bem como quando acaba de sair

do banho e se penteia em frente ao espelho.
Demos trezentos e quarenta e dois passos desde
a loja até casa. Eu, o pai e o poeta.
Sensação estranha. Enquanto caminhávamos,
o poeta deu-me a mão.
Quando via borboletas ficava a olhar para elas.
Aconteceu duas vezes durante o trajeto.

FAZER A CAMA



Em casa, o pai ordenou que a mãe fizesse a cama para o poeta.

Onde?, perguntou ela.

Debaixo das escadas, disse o pai, há três metros quadrados. Comprámos um poeta pequeno, caberá aí um divã e uma pequena mesa onde possa realizar as suas atividades diárias. O meu irmão desceu as escadas, que tinham patrocínio de uma empresa de telecomunicações. Parou, encostado ao corrimão, e olhou para o poeta com um sorriso de escárnio. Abanou a cabeça para os lados, cinco vezes. Queria dizer que eu sou caprichosa e que só me interesso por coisas inúteis com pouco valor no que concerne

ao crescimento económico ou com um valor de mercado desprezível.

O poeta olhava para todos os lados. Devia estar feliz, agora tinha um lar.

A mãe fez que sim com a cabeça, inclinando o queixo para baixo e subiu os trinta e três degraus até ao primeiro andar, onde ficavam os quartos. Voltou com dois lençóis e um cobertor.

Pousou-os no sofá da sala. Abriu o divã e arrastou-o para debaixo das escadas depois de ter limpado os tais dois metros quadrados e meio (o pai exagerou no cálculo do espaço quando disse três).

Fez a cama.

Colocou uma pequena mesa, que servia de apoio ao sofá, especialmente para que o pai pousasse o *whisky* e este item ali ficasse esquecido meia hora a quarenta e cinco minutos (ou menos) depois de se sentar e começar a beber. Tinha um tampo redondo, vidro temperado, com trinta e sete centímetros de diâmetro. Bonita, diria um poeta.